

Salve-rainha à virgem santíssima: intertextualidade como ferramenta de reforço ao panegírico gregoriano.

Mestrando Cláudio Augusto Carvalho Moura (UFPI)

Resumo:

A presente comunicação parte da observação de uma relação dialógica entre o panegírico Salve-Rainha à virgem santíssima, de autoria de Gregório de Mattos e a oração da Salve-Rainha, que se encontra presente em sua completude nos versos finais de cada estrofe do poema. O que se pretende analisar nesse trabalho é a extensão da amplificação- aqui chamada de reforço- recorrente da presença da oração de estimado valor entre os católicos em um poema de cunho também religioso. Tomar-se-á por base a noção contemporânea de intertextualidade de Kristeva, visto que o diálogo estabelecido não se limitará apenas às relações mantidas entre as duas obras citadas, mas remeterá diretamente às escrituras sagradas, hipotexto das poéticas coevas e base da ideologia cristã do século XVII, aspectos esses, importantes para a compreensão da dialética estabelecida entre poema e oração.

Palavras-chave: Intertextualidade, Gregório de Mattos, Salve-rainha, Panegírico.

Introdução

Ao que é reconhecido pelos estudos de teoria literária ao longo dos anos, objeto de estudo de Bakhtin, Genette, Kristeva e tantos outros teóricos, a observação das relações de dialogismo, polifonia e intertextualidade presentes na literatura como um todo consistem em objeto relevante para a análise dos textos literários. Os textos serão então re-leituras conscientes, ou não, de textos pré-existentes que dialogarão entre si para criação de textos novos. A implicância da delimitação dessas relações se fará quando, a partir delas possa-se enxergar com maior clareza a importância do processo na criação do texto final. Assim, ao definir que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (1974, p. 64) Kristeva assinala para a importância de uma leitura semiótica que não se limitará apenas à observação da intertextualidade como processo literário. Essa constituirá também como ferramenta de construção cultural, cujo campo de abrangência extrapola o universo das letras, devido às referências várias que a mesma pode fazer-se de uso.

Partindo desses pressupostos teóricos, busca-se então analisar o panegírico *Salve Rainha à Virgem Santíssima*, de autoria atribuída a Gregório de Mattos e Guerra, a partir da relação de intertextualidade que o mesmo mantém com a oração cristã *Salve-Rainha*. Por meio dessa análise objetiva-se identificar a função desse recurso na criação do poema.

Antes de apontar as relações entre a oração e panegírico em questão, é necessário que se recorra, para uma melhor compreensão de ambos, ao cerne comum de onde provém toda forma de manifestação do pensamento cristão, a Bíblia. Assim, é imprescindível atentar que, tanto nos dois textos aqui analisados, quanto na mensagem de pregação da Igreja Católica Apostólica Romana, as escrituras constituem o texto original. Por meio dessa relação, o texto bíblico constituirá o hipotexto, ou seja, o texto primeiro, de onde provém tanto a oração dedicada à Virgem, como o panegírico gregoriano, assim denominado por tratar-se de um escrito de louvor à Maria.

Salve-Rainha à Virgem Santíssima

Maria, mãe do pilar da igreja católica, Jesus Cristo, vem sendo objeto laudatório cantado pelos poetas ao longo dos séculos. Por se tratar de uma figura divina, são dedicados a ela os mais altos louvores. Por emulação, são elencadas características e virtudes pré-determinadas, objetivando que o louvor seja feito como rezam os moldes do século XVII, época em que viveu o poeta. No caso do poema em questão, que não foge à regra, observa-se a partir do título a referência explícita à oração. Seguirão então 26 estrofes de 4 versos cada, onde a voz do poeta se mesclará à oração da Salve Rainha, como poderá ser observado ao longo dessa análise.

Na primeira estrofe há a exaltação da figura da Virgem. O ornato se dará pelo uso de figuras que estão claramente ligadas ao aspecto do divino e da pureza. Entre essas figuras encontram-se a pomba, animal recorrente nos relatos bíblicos, forma sob a qual se apresenta o Espírito Santo, componente da trindade sagrada da tradição católica, enaltecendo assim a divindade mariana. Segue então o louvor à beleza¹ de Maria, baseado no conceito grego de *Kalokagathia*, “beleza-bondade”. Segundo Nougé (2004) “para os helenos, ademais, a beleza-bondade é medida e proporção, e também virtude, no preciso sentido grego de realização cabal de determinada essência”, o que deixa claro o porquê da atribuição do termo à Virgem, que segue sendo exaltada no terceiro verso como princesa dos anjos. Baltazar Grácian, em *Agudeza y arte de ingenio* usa termo semelhante ao referir-se à Maria como “corona de los serafines” (2001,p.328).

*Salve, Celeste Pombinha,
Salve, divina Beleza,
Salve, dos Anjos Princesa,
e dos céus, **Salve Rainha.***

O louvor ao caráter régio será então condizente com o primeiro enxerto da oração, que é parte final do último verso. A exaltação se dará até a quarta estrofe, seguindo a exaltação como se dá na oração.

Na segunda estrofe, para fazer jus ao título de *madre de misericórdia*, Maria representará graça, luz e concórdia, que adquirem um caráter amplificado por contraporem-se à palavra horrores. Por ser luz, confere-se à ela a função guia, sendo uma das atribuições dadas à Virgem aquela de interceder em nome dos pecadores diante da presença de Cristo. Segue então na terceira estrofe, onde é retomada a menção à beleza divina, ligada diretamente à **doçura**, adjetivo que caminha ao lado da bondade. Outra vez tem-se a referência ao papel de guia por meio da alusão ao norte

*Sois graça, luz, e concórdia
entre os maiores horrores,
sois guia de pecadores,
Madre de Misericórdia*

*Sois divina Formosura,
sois entre as sombras da morte
o mais favorável Norte,
e sois da **vida Doçura***

Nessa quarta estrofe, ainda exaltando a Virgem, Maria é tomada como personificação da esperança, pois embora peregrina, a romeira encontra-se sempre ao alcance da humanidade, fazendo a ponte entre o homem e o reino dos céus, portanto, alento aos pecadores.

*Sois a peregrina Ave,
pois minha fé vos alcança
sois pois ditosa esperança
Esperança nossa Salve*

¹ Embora não seja adjetivo normalmente usado para descrever santos, por se tratar de uma qualidade mundana, o termo beleza aqui usado se refere ao aspecto divino, sendo inclusive usado pelo próprio poeta na primeira estrofe.

A partir da quinta estrofe, como na oração, o poeta requisita o favor da Virgem, encarecendo-lhe ao compará-lo a mais nobre das curas. Nota-se que nesse caso, assim como no restante do panegírico, a exaltação nunca deixará de se pronunciar. Mostrar-se-á a partir de agora ao lado das súplicas que seguirão.

*Vosso favor invocamos
como remédio mais raro,
não nos falte vosso amparo,
e vede, que **a vós bradamos***

Seguem então nas estrofes sexta e sétima a súplica do poeta à Virgem, comparando a situação dos habitantes² do Brasil colônia, distante da pátria-mater portuguesa e desejosos de nela viverem com a da prole do primeiro casal bíblico e seu almejado retorno ao Éden, seu paraíso perdido.

*Os da Pátria desterrados
viver na pátria desejam;
quereis vós, que dela sejam
deste mundo **os degradados?***

*De Jesus tanto agrado leva
de com os homens viver,
nós somos, bem podeis ver,
os mesmos **Filhos de Eva.***

Assim como os filhos de Eva, por sofrerem de semelhante suplício são degradados, são desterrados os moradores da colônia. A humildade dos que pedem será sempre reforçada no decorrer da súplica, nas duas estrofes seguintes, pois seu caráter é imprescindível diante da figura divina. Através do sofrimento pelo reconhecimento do pecado, **gemendo e chorando**, o poeta espera que seja concedida a redenção.

*Humildes vos invocamos
com rogos enternecidos,
e desse amparo rendidos,
Senhora, **a vós suspiramos.***

*Se Deus nos perdoa, quando
a nossa culpa é chorada,
estamos por ser perdoada
aqui **gemendo, e chorando.***

Na décima estrofe, para enaltecer a grandeza da Virgem, após citar a o poder de redenção que deriva do sofrimento humano, o poeta pontua que o pranto da Maria é moeda de maior valor na permuta divina pelo perdão. Constitui matéria do panegírico expor sempre as qualidades divinas em um nível mais elevado que humano, assim o poeta demonstra sua humildade para com a divindade. Apresentar-se-á nessa estrofe, por meio da palavra **vale**, que se repete em todos os versos, o uso do **poliptoto**, “figura de linguagem que consiste na recorrência de uma palavra, no interior de um período ou oração, nas várias formas que pode assumir, segundo o grau, a pessoa, o caso, o tempo etc.” Massaud (1982, p.406).

*Mas vós, por quem mais se vale,
Lírio do Vale, choraís,
e o vosso pranto val mais
neste **de Lágrimas Vale***

É importante notar que ao ser apontada como **Lírio do Vale**, não apenas o caráter da beleza e bondade da santa são mais uma vez reforçados, pois, no momento em que o lírio encontra-se no

² Entenda-se por habitantes aqueles que o poeta considerava iguais a ele.

Vale de Lágrimas, serve também de consolo para os que sofrem, pois está em presença deles. É ressaltada mais uma vez, por meio dessa comparação, a proximidade maternal de Maria para com a humanidade.

Como o **eia pois** presente na oração, nos versos da décima primeira estrofe o poeta revela à Virgem a urgência de seu pedido, rogando-lhe que apresse o seu processo de intercessão, a fim de que seja logo concedido o tão esperado perdão. É então remetido, nessa e na estrofe seguinte, o caráter de **advogada** da humanidade pertencente à Virgem Maria, assim como reconhecida a necessidade de sua ação direta na luta contra o **inimigo atroz**, o pecado, que remete à serpente, alusão direta à Lúcifer.

*Já que tão piedosa sois
não tardeis com vosso rogo,
alcançai o perdão logo,
apressai-vos **eia pois**.*

*Porque desde agora possa
triunfar qualquer de nós
de inimigo tão atroz
pedi **advogada nossa**.*

Na décima terceira estrofe, Gregório de Matos faz referência ao homem pecador posto em local inóspito por conta de seus erros, outra provável alusão à situação dos seus semelhantes no Brasil colônia. É pedido à santa que mantenha **os olhos** sempre voltados para esse povo, para que em nome de sua divina **misericórdia**, alcance-se a piedade em favor do socorro tão almejado. Os olhos de Maria servem também de guia para o traçado do caminho reto do bom cristão, por isso a importância de que o homem mantenha-se sempre sob suas vistas, para que encontre o discernimento necessário para cumprir a obra divina na terra.

*E enquanto nestes abrolhos
do mundo postos estamos,
de nós, que o caminho erramos
não tireis **os vossos olhos**.*

*Sejam sempre piedosos
para nos favorecer,
e para nos socorrer
sejam **misericordiosos**.*

*Favorecer-nos quereia,
de vossos olhos co'a guia,
gloriosa Virgem Maria
sempre eles **a nós volvéi***

A bem aventurada ajuda da Virgem nos três primeiros versos da décima sexta estrofe é necessária para a obtenção da boa fortuna do homem enquanto por sobre a terra. No último verso, extraído da oração, é pontuado que a ação da santa também repercutirá quando após o fim do **desterro** humano, ou seja, após a morte, tornando-a ainda mais valorosa, pois o objetivo de todo cristão é ascender ao reino dos céus.

*Livrai-nos de todo erro
para que assim consigamos
graça enquanto aqui andamos
e depois deste desterro*

Nas estrofes seguintes, décima sétima e décima oitava, é feita a alusão a Jesus e reconhecido outra vez o caráter de Maria como intercessora da humanidade para com o reino dos céus. Jesus é comparado à luz que o homem almeja, mas que se encontra velada e que só Maria pode mostrar.

*Pois vosso Filho é a luz
e alumiar-nos quereis,
para que esta mostreis
nos amostrai a Jesus*

*E se como raio bruto
o fruto vemos vedado
noutro paraíso dado
veremos o **bento Fruto***

A imagem de Maria como portadora da luz é exemplo que pode ser também encontrado nos seguintes versos da canção *Vergine bella, che di sol vestita*³, de autoria de Petrarca: “*Vergine bella, che di sol vestita/ coronata di stelle, al sommo Sole/ piacesti sì che ‘n te sua luce ascose*”⁴ (2002, p.154). O amor mariano traz luz ao entendimento, ao que é certo, no caso, Jesus. Para tanto, o poeta pede na décima nona estrofe que o amor da Virgem tome o seu coração, para que o mesmo possa, através dele, o amor, aceitar o Filho do Homem.

*Em nossos corações entre
seu amor, pois é razão,
seja meu de coração,
o que foi **do vosso ventre***

O termo **Rosa de Jericó**, empregado à Maria na vigésima estrofe é também recorrente no Sermão XII, da Rosa Maria Mística, de autoria do Padre Antônio Vieira que apregoa que “a rosa em Jericó significa a guerra vitoriosa, e a oliveira nos campos, a paz depois da guerra” (1639), ao usar esse termo, o poeta deposita sobre a Virgem sua total confiança, pois a presença da mesma implica automaticamente na guerra ganha. A comparação subsequente com a pureza do jasmim, acompanhada no verso seguinte de mais um pedido de intercessão, vem reforçar o caráter dos adjetivos **clemente e piedosa**, extraídos da oração original, presentes no último verso. A exaltação ao caráter da santa, assim como o reconhecimento do consolo encontrado em seu regaço são reforçados na próxima estrofe, pois, segundo o poeta, Maria é fonte de **alegria e doçura**.

*De Jericó melhor Rosa,
puro, e cândido Jasmim,
quereis vós, que seja assim
ó clemente, ó piedosa.*

*Tenhamos esta alegria,
esta doçura tenhamos,
pois que tanta em vós achamos,
ó doce Virgem Maria*

Na vigésima segunda estrofe, retoma-se o argumento de que Maria é o maior intercessor da humanidade perante Deus, pois é **quem mais pode**. Por isso é imprescindível o seu rogo para que o pedido do fiel seja atendido com maior urgência. Assim justifica-se o poeta na vigésima terceira estrofe, complementado o que vinha sendo dito, ou seja, a razão de clamar os favores da Virgem em seu socorro.

Pois quem mais pode, sois vós,

³ Virgem formosa e de sol revestida. Tradução de Jamir Almansur Haddad (2002)

⁴ Virgem formosa e de sol revestida/ Coroada de estrelas, tão querida/ Do Sumo Sol que lhe abrigou o brilho. Idem.

*chegando a Deus a pedir
para melhor vos ouvir,
pedi, e **rogai por nós**.*

*Que então os favores seus
muito melhor seguramos,
pois que neles empenhamos
a **Santa Madre de Deus**.*

É requisitado mais uma vez à santa, agora na vigésima quarta estrofe, que abrande o coração do homem, para que dessa forma ele possa, apesar de todos os percalços que o mundo apresenta, denominados **sustos** pelo poeta, tornar-se merecedor da graça divina.

*Fazei-nos sempre benignos
entre deste mundo os sustos
para que sejamos justos
para que sejamos dignos*

Ao chegar à penúltima estrofe é exposto o argumento final do panegírico. Tal argumento consiste em pontuar que quão logo a intervenção divina aja em favor do homem através da figura de Maria a humanidade poderá finalmente tornar-se **digna** da empresa celeste.

*E se nos concedeis isto,
que vos pede o nosso rogo
mui dignos nos fareis logo
ser das promessas de Cristo*

O panegírico encerra sua última estrofe exaltando mais uma vez o caráter de Maria como guia, reforçando a mensagem ao citá-la como luz divina, visão que será prontamente reforçada ao também nomeá-la estrela. Nos dois últimos versos, mais uma vez a Virgem é clamada como intercessora que há de vir a advogar pela humanidade em presença de seu filho Jesus Cristo.

*Seja pois, divina luz,
melhor Estrela, assim seja
para que por nós se veja
Vosso amparo. Amém Jesus*

Conclusão

Nota-se no decorrer do poema a retomada constante de termos já usados nas estrofes anteriores, exemplificados sempre através de tropos que buscam facilitar a compreensão e absorção do que o poeta quer dizer. O caráter repetitivo encarece a obra não pela simples repetição, cujo o exercício vulgar seria qualidade de um néscio, mas pela correspondência e proporção dos termos usados pelo poeta em seu panegírico, no que diz respeito à sua matéria de exaltação, como defende Grácian:

Es el sujeto sobre quien se discurre y pondera, ya em conceptuosa panegire, ya em ingeniosa crisi (digo alabando o vituperando), uno como centro, de quien re- parte el discurso líneas de ponderación y sutileza a las entidades que lo rodean, esto es, a los adjuntos que lo coronan, como sus causas, sus efectos, calidades, contingências, circunstancias de tiempo, lugar, modo, etc., y cualquiera otro término correspondiente. Valos careando de uno en uno com el sujeto , y unos con otros entre si; y em descubriendo alguna conformidad o conveniência que digan,

*ya com el principal sujeto, ya unos com otros, exprímela, pondérala, y en esto está la sutileza.*⁵ (GRACIÁN, 2001, p.328).

A partir do momento em que assimila tão respeitada oração da cristandade, a construção elaborada por Gregório de Matos assume para si o caráter de verossimilhança, condição exigida à poesia do século XVII. O louvor torna-se duplo pelo fato do texto gregoriano ornar ainda mais a oração ao incorporá-la, transmutando-a em texto novo sem, no entanto desviá-lo, a partir do momento em que se complementam a voz do autor e a oração. Observa-se no panegírico sob análise que o diálogo mantido pelo poeta com a Salve Rainha serve como reforço à mensagem que o mesmo espera transmitir, mensagem essa presente na oração, onde Maria é exaltada como mãe amorosa, advogada da humanidade, guia, mediadora do trato entre Deus e homem, aceleradora do processo de intervenção divina, alento aos corações humanos. Dessa forma, conclui-se que no poema trabalhado, a presença da intertextualidade confere à obra um caráter verossímil ao apropriar-se de um texto sagrado no seu interior, pois, para o homem cristão do seiscentos é inegável o fato de que a verdade é o Verbo, e o Verbo é Deus.

Referências Bibliográficas

- [1] ARISTÓTELES. **Poética**. Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- [2] BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: EP, 1983.
- [3] BUENO, Alexei (org.). **Poemas de amor de Petrarca**. Trad: Jamir Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- [4] GRACIÁN, Baltasar. Agudeza y arte de ingenio. IN: **Obras completas**. Madrid: Espasa, 2001.
- [5] KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- [6] MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 3ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- [7] MATTOS, Gregório de. **Salve rainha a virgem santíssima**. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/homensbons.html#22>> Acesso em 15 de junho de 2007, às 13:45 hs.
- [8] NOUGUÉ, Carlos. O Belo e a Arte segundo Platão. IN: **Revista de magistro de filosofia**. Ano I. Nº. 1. Anápolis. 1º. Semestre de 2004 ISSN EAN- 9771808062019. Disponível em http://www.fafisma.com.br/belo_arte.htm. Acesso em 24 de junho de 2007, às 17:35 hs.
- [9] Paróquia Cristo Rei. **Dicionário de termos religiosos**. Disponível em: <http://www.paroquiacruzorei.hpgplus.com.br/dicionarioef.htm>. Acesso em 24 de junho de 2007, às 16:00 h.
- [10] VIEIRA, Padre António. **Sermão XII**. 1639. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/BT2803041.html>> Acesso em 23 de junho de 2007, às 21:14 hs.

⁵ É o sujeito sobre quem se discorre e pondera, já em conceituoso panegírico, já em uma engenhosa crisis (digo louvando ou vituperando), este como centro, de quem partem no discurso linhas de ponderação e sutileza às entidades que o rodeiam, isto é, aos adjuntos que o coroam, como suas causas, seus efeitos, qualidades, contingências, circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc., e qualquer outro término correspondente. Siga encarecendo-os de um a um com o sujeito, e uns com os outros entre si, e descobrindo alguma conformidade ou conveniência que digam, já como o sujeito principal, já uns com outros, exprima-a, pondere-a, e nisso está a sutileza. Tradução nossa.